IMAGENS E (TRANS)CONTEXTOS EM WES ANDERSON

HUGO BARREIRA[1]

Resumo | Abstract

A filmografia de Wes Anderson constitui um espaço privilegiado para analisar a imagem enquanto objeto cultural complexo, resultante de uma articulação entre elementos visuais e sonoros e dotado de historicidade e eficácia simbólica, bem como de múltiplas relações com materialidades. O seu cinema constrói-se a partir de um sistema reiterado de formas — enquadramentos geométricos, composições simétricas, paletas cromáticas codificadas, cenários e adereços cuidadosamente estilizados, fotografia, montagem e sonoplastia — que, em conjunto, configuram a imagem em movimento como construção estratificada e relacional.

Esta comunicação propõe uma leitura transversal da obra de Anderson a partir de um enquadramento warburguiano, entendendo imagens e sons como portadores de uma *Nachleben der Bilder* (vida póstuma ou sobrevivência das imagens) e integrados em processos de *Bilderwanderung* (migração das imagens) entre diferentes contextos históricos, socioculturais e mediais. As imagens cinematográficas surgem, assim, como elementos em circulação, reativados e reorganizados através de práticas de citação, apropriação e recomposição que atravessam toda a filmografia do realizador.

Neste quadro, assume particular relevância uma perspetiva antropológica da imagem, em consonância com as propostas de Hans Belting, que permite pensar o cinema de Anderson como um campo de articulação entre imagem, meio e corpo, no qual a materialidade dos dispositivos e dos objetos visuais e sonoros participa ativamente na produção de sentido. A prática recorrente de colecionar e integrar referências visuais e mediais — imagens, adereços, fonogramas — aproxima-se de uma lógica de constelação intermedial, na qual cada elemento conserva a sua memória cultural ao mesmo tempo que é reinscrito num novo contexto operativo.

É neste sentido que se torna operativa uma releitura contemporânea da noção de *Pathosformel* de Aby Warburg. Em Wes Anderson, a carga afetiva encontra-se formalizada menos no gesto corporal do que na organização compositiva e na circulação de objetos imagéticos e sonoros. A música e o fonograma assumem aqui o estatuto de imagem objeto: artefactos materiais, tecnicamente mediados e historicamente situados, cuja eficácia simbólica resulta tanto da sua biografia mediática como da sua integração no conjunto dos componentes que estruturam a imagem em movimento.

A obra *The Phoenician Scheme* (2025) surge como ponto de condensação destas dinâmicas, ao articular universos visuais recorrentes com a fragmentação e reinscrição de música

[1] FLUP-DCTP/CITCEM.

de Igor Stravinsky, tornando particularmente visíveis os processos de sobrevivência, migração e transcontextualização das imagens sonoras. A partir deste caso e da análise da filmografia integral de Wes Anderson, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre o binómio imagens e contextos no cinema contemporâneo, entendendo a imagem em movimento como prática cultural, objeto eficaz e construção relacional e intermedial resultante da interação entre as suas diversas componentes.

Palavras-chave | Keywords

Imagem; cinema; fonograma; intermedialidade; Wes Anderson.

Resumo biográfico | Short biography

Hugo Barreira é licenciado em História da Arte (2010), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Mestre (2013) e Doutor em História da Arte Portuguesa (2017) pela mesma instituição. É Professor Auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador integrado do CITCEM. As áreas de investigação principais são os meios da imagem em movimento e a cultura visual, as relações som e imagem, a história da arquitetura e a história urbana da época contemporânea, bem como a produção artística e cultural dos séculos XIX e XX.